

02.Novembro.1962 - 6ª Feira



Com um ramo de flôres nos braços e um punhado de velas à mão, logo de manhãzinha, bem antes da Procissão seguir, ela começou a sua caminhada em direção ao Cemitério, acon de iria visitar os mortos.

Desceu a rua Coronel Batista, saiu do calçamento e iniciou a subida da longa avenida dos eucaliptos...

E enquanto caminhava ia perdida em seus pensamentos...

Primeiro, ficou intrigada com o nome da avenida... Ela morava havia tantos anos aqui em Jacarezinho e nunca tivera a curiosidade de indagar qual o nome daquela avenida...

Mas todo mundo a tratava por Avenida dos eucaliptos que ela chegava a crer mesmo que esse fosse o seu nome...

Depois, esqueceu-se por uns instantes e olhou para trás.

E viu a cidade lá embaixo, já bem distante...

Olhou ao alto e viu que a caminhada ainda era bastante longa...

E reiniciou a subida...

De vez em quando algum automóvel passava indiferente em sua jornada solitária...

E a cada minuto que passava, em que mais gente subia e descia, ela mais ainda se recordava de outros tempos...

Ia lembrando os dias de sua infância, em que, com seu pai, sua mãe e seus irmãos o mundo todo era alegria, e só havia aquele momento, e o futuro era uma coisa tão distante e remota...

E ela sentiu um aperto no coração quando recordou aquela vez que entrara de braços dados com seu pai, para o altar de seu casamento...

E ela, num relance, sentia o tempo correr, voar, e sumir no espaço... E começou a ver então os dias outros, os dias que se sucederam ao seu casamento tão alegre...

Um a um, todos aqueles seres que ela estimava, foram partindo, foram deixando esse mundo...

E agora... agora tantos e tantos haviam passado e ali estava ela, sozinha no mundo, sem ninguém com quem ao menos pudesse conversar...

E perdida em seus pensamentos, ela foi entrando no Cemitério, lá no fim da Avenida dos Eucaliptos...

E ao ver o túmulo de seus pais, o túmulo de seus irmãos o túmulo de seu marido e de seus filhos, ela não pôde resistir, e as lágrimas explodiram em seus olhos cansados.

E quem visse hoje pela manhã lá no Cemitério aquela pobre velhinha com um ramo de flores nos braços e um punhado de velas à mão, talvez nem de longe há de ter imaginado o grande sofrimento que ela sentia e a enorme saudade que havia em seu coração...